



## Na Mídia

23/07/2021 | [Istoé Dinheiro](#)

### Pequenos IPOs em alta

Plataformas de captação de recursos facilitam às startups encontrar investidores e obter capital para crescer

Anna França



O amadurecimento do mercado de capitais brasileiro vai além da Bolsa. Em 2017, a Comissão de Valores Mobiliários (CVM) regulamentou as ofertas públicas de distribuição de valores mobiliários de pequeno porte. O processo é mais simples do que os Initial Public Offerings (IPOs) tradicionais, e pode ser realizado por meio de plataformas eletrônicas de investimento participativo. Houve poucos negócios durante os primeiros anos de vigência da regra. No entanto, a queda dos juros e o interesse dos investidores em aproveitar os lucros polpudos gerados nas primeiras fases de crescimento das startups estão fazendo esse mercado florescer. No primeiro semestre de 2021 foram investidos US\$ 5,2 bilhões em startups brasileiras, um recorde. O número supera em 45% o total de 2020, e em 299% a cifra de US\$

1,3 bilhão do primeiro semestre do ano passado. No mundo, as startups receberam US\$ 288 bilhões no primeiro semestre – alta de 95% em comparação com os US\$ 148 bilhões do primeiro semestre de 2020.

Esses números são fonte de alegria para a CEO da plataforma de investimentos Kria, Camila Nasser. Fundada há sete anos, sua empresa auxilia startups promissoras a conseguir capital para crescer. “Quando começamos, nem se falava em IPOs de pequenas companhias”, disse ela. “Mas esperar que uma empresa lance ações só quando ela for grande é perder parte do valor gerado durante o crescimento.”

A Kria acompanhou os exemplos de sucesso do crowdfunding internacional, que abre espaço para inovação, como a Crowd Cube, maior plataforma do Reino Unido. Por ela passaram 19% dos unicórnios britânicos – as startups que valem mais de US\$ 1 bilhão antes da abertura de capital. Por aqui, entre os sucessos recentes da Kria estão a operadora de telefonia digital Fluke e a cervejaria Leuven, que captou R\$ 5 milhões em agosto do ano passado, estabelecendo um novo patamar para o crowdfunding no Brasil.

**De acordo com professor da Fundação Getulio Vargas (FGV), Bruno Diniz, a regulamentação publicada em 2017 permitiu o surgimento das plataformas de equity crowdfunding como uma alternativa mais viável para a captação de recursos. “Numa economia bastante digital é fundamental que as empresas cresçam mais rapidamente, e essas ferramentas são essenciais”, disse. As plataformas são democráticas e qualquer um pode se cadastrar e participar. Porém, o advogado e sócio do escritório de advocacia Demarest, João Minetto, adverte que é preciso ter cuidado para se investir em novatas. “O maior risco nesses casos é mais na natureza do negócio. Em estágio preliminar, essas empresas estão mais sujeitas a testes de maturação do que a riscos jurídicos propriamente ditos”, afirmou.**



**“Numa economia bastante digital é fundamental que as empresas cresçam mais rapidamente” João Minetto sócio do escritório de advocacia Demarest.**

Segundo ele, as plataformas permitem às startups evitar os custos elevados dos processos de abertura de capital. Há alguns anos, a B3 criou o programa Bovespa+ para quem não estivesse maduro suficiente para atingir o Novo Mercado. Porém, a ferramenta não evoluiu tão bem quanto se esperava, o que levou essas empresas a buscar o crowdfunding. Muitas plataformas se especializaram nisso. Nomes como a Captable, que também oferece cursos de inovação, a SMU Investimentos, a Eqseed e a Kria. “É uma porta que se abre para todo os tipos de investidor e mais caminhos para que empresas da nova economia captem recursos”, disse Diniz, da FGV. “A Bolsa se ocupa com companhias de outros portes.”

Na visão de Camila Nasser, a probabilidade de ganho tem sido mais forte para o investidor do que a preocupação com os riscos. Por isso, o mercado brasileiro vem batendo recordes, e já transacionou 84% a mais de 2019 para 2020. E para este ano a expectativa da Kria é crescer 400%, por causa do foco total em atrair novos investidores com boas oportunidades, disse ela. “Usamos todo o conhecimento armazenado em sete anos para selecionar bons negócios para os investidores. Para isso, temos um modelo rígido como dos fundos de venture capital, analisando premissas, e contamos com experts que validam essa seleção.”

